

A EDUCAÇÃO PARA A RESISTÊNCIA E EMANCIPAÇÃO NO PENSAMENTO DE THEDOR ADORNO

Eixo temático: Ética e política na educação
Erminio de Sousa Nascimento
Universidade Estadual Vale do Acaraú [UVA]
nascimento_erminio@uvanet.br

A educação para a resistência e emancipação tem como pano de fundo, em seu programa, no pensamento de Adorno, a luta contra a barbárie para evitar que *Auschwitz* se repita. No entanto, essa diretriz atribuída à educação vem acompanhada de uma preocupação anterior que diz respeito à falsa conciliação entre pensamento e realidade. Tal conciliação é forjada pela racionalidade moderna que postula a identidade unívoca entre o particular e o universal sem deixar resquícios.

Pela identificação da educação com a racionalidade técnico-científica, o potencial de resistência dos indivíduos para se ter a formação do sujeito autônomo capaz de se contrapor às determinações do sistema capitalista foi canalizada para a operacionalidade do saber científico que assegura a manutenção da exploração do homem e a sua identificação com as máquinas, com as coisas.

Por essa racionalidade a educação privilegia a sua dimensão de adaptar os indivíduos ao coletivo, aos interesses do grupo dominante da sociedade. A autonomia dos indivíduos se torna sinônimo de aperfeiçoamento técnico-operacional – capacidade de fazer coisas (cf. ADORNO; HORKHEIMER, 1985) – sufocando a outra dimensão da educação que é a de desenvolver a capacidade de resistência dos indivíduos ao que a eles se impõe.

Nesta perspectiva, a dupla função atribuída à educação será o fio condutor deste artigo, no sentido de investigar até que ponto é possível realizar experiências formativas que valorize mais a resistência do que a adaptação das pessoas na sociedade capitalista? A resposta para tal questão será construída no decorrer do trabalho, considerando a relação entre educação e racionalidade vinculada aos interesses da classe dominante vigente.

Essa predominância da dimensão da adaptação das pessoas aos segmentos em geral da sociedade ou a princípios universais, faz da educação um objeto de análise para Adorno. Para ele, a educação precisa superar a tarefa a ela atribuída, sobretudo, na racionalidade técnico-científica que é de modelar pessoas para atender os reclames da sociedade capitalista. Ela também não pode se configurar por “[...] mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que descartada, mas [pela] [...] *produção de uma consciência verdadeira*” (ADORNO, 1995, p. 141). Mas o que seria essa consciência verdadeira reivindicada por Adorno, em sua definição inicial de educação?

O esforço para responder tal questão nos remete, inicialmente, a duas passagens do pensamento de Adorno que nos conduzem nesta pesquisa. A primeira é a frase de abertura da *Dialética negativa*, que diz que: “A filosofia, que um dia pareceu ultrapassada, mantém-se viva porque se perdeu o instante de sua realização” (ADORNO, 2009, p. 11). A segunda, encontra-se em *Educação e emancipação*, na qual ele afirma que “[...] pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. [...] a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação” (ADORNO, 1995, p. 151). Há uma articulação entre pensar enquanto experiência intelectual e a educação para a resistência e emancipação que nos leva a entender a filosofia enquanto exercício constante de autorreflexão. É pela autorreflexão que se reconhece a relevância da filosofia e também a sua limitação frente à existência na sociedade e para a formação do sujeito autônomo.

Nesse aspecto, a filosofia, enquanto expressão da razão, que pretende alcançar o nível de consciência verdadeira, que passa pelo processo contínuo de autorreflexão só se efetiva quando se vê “[...] obrigada a criticar a si mesma sem piedade” (ADORNO, 2009, p. 11). Aqui, se a relevância da filosofia moderna se expressa enquanto denúncia das limitações do pensamento filosófico da escolástica – a filosofia escolástica ficou ultrapassada, uma vez que se isso não tivesse acontecido não haveria razão para o rompimento daquele paradigma – de modo que, pela autorreflexão, cabe a

filosofia examinar, avaliar até que ponto esse novo paradigma filosófico promoveu ou não a consciência verdadeira. A avaliação considera a promessa atribuída à razão na modernidade de promover a autonomia do sujeito e a emancipação humana. Agora, não só a crítica cartesiana ao pensamento da filosofia escolástica é considerada, mas qualquer sistema filosófico fundamentado em princípios universais.

Os conceitos que são articulados uns com os outros sem espaço para o que não se adequa ao que é logicamente construído, forjam uma identidade lógico-metafísica que elimina as particularidades das coisas. O império dos conceitos, do pensamento, sobre a realidade material, é a característica do sujeito intelectual, denominado de filósofo, e parece não estar em consonância com o que Adorno considera ser experiência intelectual. Tal experiência é incompatível com as distorções entre o que é conceitualmente pensado e a realidade objetiva. Essa distorção já era objeto de crítica de Horkheimer, sobretudo, em seu artigo denominado “*Sobre o problema da verdade*” (1935), no qual ele considera que jamais a realidade objetiva se identifica com o pensar humano. O pensamento nunca se tornará o objeto pensado (cf. HORKHEIMER, 1990). A superação da dicotomia entre o objeto material e o pensamento abstrato, requer uma postura crítica, reflexiva, do sujeito, de modo que a efetivação da consciência verdadeira, reivindicada por Adorno acima, talvez seja possível pela passagem da filosofia do âmbito teórico, do império dos conceitos, para a dimensão da práxis transformadora. A filosofia supere o estágio de interpretação da realidade para promover a sua transformação.

Palavras-chave: Educação, Adaptação, Resistência.

Referências

ADORNO, T. W. *Dialética negativa*. Trad. Marcos Antônio Casanova. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2009.

_____. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. *Teoria da semicultura*. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira; Bruno Pucci e Cláudia Barcelos de Moura Abreu. Revista – Educação e Sociedade, n. 56, ano XVII, dezembro de 1996, pág. 388-411. Disponível em: http://www.primeiraversao.unir.br/atigos_pdf/191_.pdf. Acesso em: 15 de outubro de 2017.

_____; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

HORKHEIMER, Max. Sobre o Problema da Verdade. In: HORKHEIMER, Max. *Teoria Crítica: uma documentação*. Tomo I. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1990. p. 139-174. (Coleção Estudos, 77).